



Palavras Chave:  
→Kairós  
→Cronos  
→Tempo  
→Criatividade  
→Kairicidade

Constança Marcondes César <emarcondescesar@msn.com>

■ Professora de filosofia - PUC/CAMP

## *Kairós: O Conceito-Chave da Filosofia*

O presente artigo trata das duas dimensões do tempo, o tempo da previsibilidade e repetição e o tempo da ruptura e inovação, e da relação deste tempo com o processo criativo, na cultura grega. Examina o sentido do conceito de Kairós em relação ao tempo, ao espaço e à ação.

Foto: ©Gaylon Keeling  
<www.flickr.com/photos/gaylon/245258711/>

Um estudo importante sobre a noção de *Kairós*, considerando sua etimologia, foi feito por Monique Trédé<sup>1</sup>. Nesse estudo, examinando os sentidos da palavra a partir de Homero e dos trágicos gregos, a autora aponta vários usos do termo, considerando-o em relação ao *tempo*, ao *espaço* e à *ação*.

Em relação ao *tempo*, *Kairós* é o instante crucial, decisivo, a ocasião, o ápice (acmé) de uma época ou situação, bem como os dias críticos, os momentos de crise histórica.

Em relação ao *espaço*, sobretudo com referência ao corpo do homem, *Kairós* é o ponto nevrálgico, a parte vulnerável, que, se atingido, configura o golpe mortal.

Quanto à *ação*, *Kairós* representa o sucesso ou insucesso, a decisão, o ponto de ruptura. Está ligado à noção de cortar, decidir, julgar, discriminar. A autora assinala a existência de certa sinonímia entre *Krisis* e *Kairós*, nos textos antigos, bem como a relação metafórica entre os termos *decidir*, *julgar* e *cortar*, *decepar*.

O pensador contemporâneo Evaghélos Moutsopoulos, que faz deste conceito a noção-chave para a sua análise da cultura grega, retém do uso arcaico da palavra as idéias de *momento favorável*, *ocasião*, e a sua aproximação com a noção de *crise*.<sup>2</sup>

A noção de *Kairós*, em Moutsopoulos, aparece ligada, inicialmente, à concepção aristotélica do termo, para a qual *Kairós* é "o bem no tempo"<sup>3</sup>, "o tempo liberto da necessidade"<sup>4</sup>, "o tempo gerador da temporalidade".<sup>5</sup>

Nosso autor trata de ver, nessa noção, "o instante propício"<sup>6</sup>, isto é, o tempo axiológico e dinamicamente considerado, cujos modos de expressão podem ser apontados: são a *constatação* e a *fruição*. Reconstrução do real segundo uma descontinuidade qualitativa, não é uma medida, mas uma "zona modal e nodal" do tempo, "que colore, axiologicamente, a realidade".<sup>7</sup>

*Kairós* supõe, então, um domínio onde a temporalidade e o pensamento se encontram, onde o tempo objetivo do mundo encontra a subjetividade do homem. Implica na existência de um *tempo favorável*, mas também na possibilidade de perdê-lo e na necessidade de velar, para não perder.

O tempo designa, para nosso filósofo, um modo de ser. Sua apreensão supõe as categorias estáticas de *homotemporalidade* (simultaneidade) e a *heterotemporalidade* (antes, depois), mas também as categorias dinâmicas do *ainda-não* e do *nunca-mais*. Por isso, fazer projetos implica na intencionalidade, na existência de um instante privilegiado, do tempo axiológico e surracionalmente considerado: *Kairós*.

Substantivado, *Kairós* é o *tempo oportuno*, o instante propício. Mas em Moutsopoulos aparece também o adjetivo *kairicidade*, que nosso autor aplica à *criação artística*, à obra de arte e a própria consciência humana. *Kairicidade* significa, então, ter *Kairós*, isto é, expressar, no tempo, o *caráter qualitativo*: da criação artística, do nível de realização atingida pela obra e da própria consciência que, no confronto com o mundo, traduz valores, humaniza o mundo.

Para o nosso autor, *Kairós* refere-se não ao ser, mas ao *sendo* no tempo, à mudança,

à ruptura ou evolução quanto ao passado. E também designa a atividade temporal da consciência criadora e valorante, a própria atividade humana que produz alterações qualitativas no cosmos.

Expressão da liberdade do homem, de sua rebeldia e de sua permanente metamorfose, da angústia e da admiração que o caracterizam, *Kairós* manifesta-se de modo privilegiado na obra de arte, enquanto esta, instaurando o novo, produz alterações qualitativas no mundo e na consciência dos indivíduos criadores e / ou contemplantes.

Aspectos axiológicos, estéticos, éticos e antropológicos configuram-se, pois no conceito de *tempo oportuno*, buscado na remota Antiguidade e atualizado por Moutsopoulos como categoria filosófica essencial.

Os textos do filósofo diretamente ligados ao tema tiveram uma primeira seleção em francês, resultando no livro *Kairós, la mise et l'enjeu*<sup>8</sup>, estruturado segundo quatro temas: ser e *Kairós*, consciência e *Kairós*, arte e *Kairós*, história e *Kairós*, no qual nosso autor delinea o conceito relacionando-o com o tempo e espaço humanizados, e com a busca de uma plenitude existencial. Trata, aí, de por à luz as características do homem kairico, analisando as relações entre *Kairós*, *Eros* e *Poiésis*; entre *Eros* e *Thanatos*; entre a angústia e a liberdade.

Moutsopoulos evidencia o caráter kairico da obra de arte, mostrando o artista como criador e crítico, e examinando a estrutura da obra de arte. Aborda também as relações entre os mitos artísticos e estuda o culto da música entre os primeiros filósofos gregos. No exame de relação entre história e *Kairós*, introduz os temas de relação entre *Krisis* e *Kairós*, discutindo as possibilidades e limites de uma história serial e as noções de *tradição* e *ruptura*. Essa temática é retomada na obra *L'univers des valeurs, univers de l'homme*<sup>9</sup>, sobretudo na sua terceira parte, dedicada ao estudo dos valores praxiológicos.

Nessa abordagem das implicações temáticas do conceito; Moutsopoulos caracteriza a cultura grega como uma cultura essencialmente kairica, isto é, como uma cultura em que a luta entre as crises e sua superação constitui o núcleo essencial. A resolução bem sucedida das crises que marcam toda existência humana e todo fluir temporal é um dos objetivos da filosofia grega e uma das razões da esplêndida obra realizada por ela na Antiguidade, bem como da sua persistência inspiradora ao longo de todo o pensamento ocidental.<sup>10</sup>

A consideração, numa perspectiva histórica, do tema do *Kairós* acha-se no livro *Variations sur le thème du kairos de Socrate à Denys*.<sup>11</sup> Esse livro completa três que o precederam<sup>12</sup> e foi sucedido por um quinto volume dedicado ao assunto, *Structure, Presence et Fonctions du Kairos chez Proclus*.<sup>13</sup>

Moutsopoulos pretende, com esses estudos, mostrar que o pensamento antigo pode ser reconsiderado completamente à luz da noção de *Kairós*.

E afirma que a noção de kairicidade "permite abrir novos horizontes ao questionamento filosófico contemporâneo"<sup>14</sup>, explicitados por ele em seu livro *Filosofia da Kairicidade*<sup>15</sup>, um dos primeiros escritos que fez sobre o assunto, e também no

“  
um domínio onde  
a temporalidade  
e o pensamento  
se encontram  
”

“  
a luta entre as crises  
e sua superação  
constitui o núcleo  
essencial  
”

*Universo dos valores, Universo do homem e no Filosofia da Cultura Grega*, obras mais recentes.

A abertura do texto *Kairós, la mise et l'enjeu* reporta o mito de Kairós, irmão de Cronos e sempre em luta com este. Ambos, Kairós e Cronos são filhos do Aion eterno, imagens opostas do reflexo da eternidade no tempo. Cronos é o dançarino; "modelo da regularidade e repetibilidade" do tempo. "Sua dança cíclica, periódica, é decomponível, analisável, imitável; seus passos e seus gestos (...) fazem dobrar as consciências às suas leis ritmadas. Kairós, por sua vez, revela-se saltador e acrobata (...) seus movimentos [apresentam] unicidade e totalidade, desafio e irrepitibilidade, risco, engajamento e aventura (...) Cronos, o dócil e Kairós, o indomável, acham-se em eterno e incessante conflito: Cronos cria o mundo e o governa; Kairós o aniquila para recriá-lo à sua vontade (...)"<sup>16</sup>

E ainda: Cronos e Kairós representam as duas atitudes da consciência humana, enquanto se situa ou se integra no mundo. Cronos é o símbolo da atividade teórica da consciência; Kairós, de sua atividade prática, da atividade segundo a justa medida, o *métron*.<sup>17</sup>

Assim, Cronos e Kairós, filhos de Aion, a eternidade, o grande tempo, representam as duas ressonâncias da eternidade no mundo sensível: o tempo como repetição, regularidade (Cronos) e o tempo como ruptura e inovação, mudança qualitativa da consciência, das situações (*Kairós*).

*Kairós* representa o *métron*, a justa medida, o difícil equilíbrio entre os opostos, quando a regularidade repetitiva da vida se rompe. Na crise assim ocorrida, na ruptura da regularidade, *Kairós* é a ação precisa que instaura um novo patamar da existência, um novo ritmo vital.

A expressão por excelência do *Kairós* é a atividade criadora, na arte e na ciência. O artista é aquele que, por seu fazer, descobre uma nova perspectiva, uma nova forma de ser e de estar no mundo, instaurando, através da obra, uma mudança qualitativa na repetibilidade quotidiana. A busca da beleza e do conhecimento resulta no bem da vida humana, na excelência, na *areté*.

Descrevendo a cultura grega como aquela na qual essa busca se expressa de modo exponencial, Moutsopoulos a caracteriza como cultura kairica, ou seja, como uma cultura na qual os valores do bem, da beleza, da verdade e da liberdade são considerados axiais. ❏

## Notas

1. TRÉDÉ, Monique, Kairós: problèmes d'éthymologie. Paris: *Révue des Études Grecques*, Belles-Lettres, XLVIII, 1984, nº 460-464, pp. XI-XVI. Esse texto é explicitamente citado por Moutsopoulos, como uma de suas fontes in MOUTSOPOULOS. *Kairós. La mise et l'enjeu*. Paris: Vrin, 1991, p. 54, nota 8.
2. Sobre a relação entre *crise* e *Kairós*, ver o artigo *Krisis e Kairós em Evangelhos Moutsopoulos*, na revista HERMES, SP, Sedes Sapientiae, n.10, 2005, pp. 40-45.
3. E. Moutsopoulos, *La fonction du kairós selon Aristote*. *Révue Philosophique*, p. 223; republicado em id., *Kairós. La mise et l'enjeu*, pp. 73-76.
4. Id., *ibid.*
5. Id., *ibid.*, p. 224.
6. Id., *Sur le caractère kairique de l'oeuvre d'art*, Congresso Internacional de Amsterdã, 1964, p. 115; republicado em *Kairós. La mise et l'enjeu*, pp. 181-183.
7. Cf. cit. 1., p. 226.
8. Id., *op. cit.* Paris: Vrin, 1991.
9. Id., *op. cit.*, Atenas: Academia de Atenas, 2005.
10. Id., *Philosophie de la culture grecque*. Atenas: Academia de Atenas, 1998.
11. Id., *op. cit.* Paris: Vrin, 2002.
12. Id., *Kairós La mise et l'enjeu; Parcours de Proclus*. Atenas: CIEPA, 1993; *Philosophie de la Culture Grecque*.
13. Id., *op. cit.*, Atenas: Academia de Atenas, 2003.
14. Id., *Variations sur le thème du Kairós*. Paris: Vrin, 2002, *Avertissement*, p. 9.
15. Id., *Philosophie de la Kairicité*. Atenas: Cardamizza, 1984.
16. Id., *Kairós La mise et l'enjeu. Avant-propos*
17. Id., *ibid.*, pp. 12-14.